



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE SETEMBRO  
DE 1955

Director: Guilherme P. da Rosa  
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 11 — LISBOA

NÚMERO 1.009  
ANO XLIX

## O EXTRAORDINÁRIO SR. ROSENTHAL VIVEU O ROMANCE DAS PÉROLAS

**F**OI-SE há pouco do Mundo dos vivos com 82 anos de idade uma das mais curiosas figuras deste século, Léonard Rosenthal.

Desaparece com este homem que, vindo do Caucaso, chegou a Paris como um vagabundo e em poucos anos conseguiu arranjar uma fortuna prodigiosa, uma das entidades mundiais que melhor conheciam o romance das pérolas e os pequenos segredos da casta estranha que gravita em torno dos grãos nacarados, aos quais os poetas atribuem uma origem extra-terrena, em cerulas paragens...

Era ele próprio um dos actores deste romance que tinha por cenário de cada capítulo um lugar diferente do planeta e que começando nas falesias do mar da Arábia ou na ilha de Ceilão termina no pesado silêncio dos gabinetes de negociantes da especialidade, estabelecidos no centro das capitais mundiais do luxo e da elegância.

— A história das pérolas? — comprazia-se ele, por vezes, em afirmar — como era bela, noutros tempos!

A química, os processos de cultura artificial, com efeito, modificaram-na terrivelmente.

E os pescadores de pérolas, em redor dos quais se teceram lendas e que, em certas épocas do ano viviam numa ambiência extraordinária, colocada sob o signo do perigo e da sorte, até esses perderam o seu carácter de mergulhadores aventureiros — em certas regiões, pelo menos — desde que passaram a usar o escafandro e depois que se organizou industrialmente a acumulação das ostras nos viveiros.

Alguns milhares de indígenas continuaram, porém, fieis a tra-

dições seculares. E ainda hoje «caçam a pérola» à maneira dos pescadores da antiguidade, que permitiram a César brindar Gerúlia, irmã de Catão de Útica, com uma pérola que ele pagou por mais de cem milhões da nossa moeda; e a Cleopatra... o capricho oneroso de deglutir uma pérola que custara 10.000 sestercios grandes — duzentos mil «napoleões», — depois de a ter mandado dissolver em vinagre decantado.

Esta fantasia da célebre rainha do Egipto surpreendeu tanto o mundo antigo que as pérolas, desconhecidas, ao que parece, de Homero e da própria Bíblia, que não falavam nelas, ganharam súbitamente uma grande voga. As damas ricas julgaram-se então obrigadas a adquiri-las... mas depois, pouco a pouco, o snobismo de provar estirpe ou qualidade mediante a exibição de pérolas foi-se esfumando e os produtores tornaram-se menos numerosos.

Os casos dos séculos decorridos levaram-nos a agrupar-se em «companhas» de pescaria, à beira do golfo pérsico ou na costa ocidental de Ceilão, formando impressionantes associações que, até às alturas de 1930, obedecendo de modo por assim dizer ritual a costumes de remota vetustez, persistiam em arrancar às águas maravilhas, as raras ostras em que determinada alteração funcional provoca certa secreção que, num período de alguns anos, forma a pérola natural.

O conde de Noe descreveu, antes de Rosenthal, o carácter muito especial desta pesca, a que se misturavam cerimónias mágicas, em épocas anteriores à data em que um japonês, o sr. Mikimoto, descobriu — vai para trinta anos — o segredo de provocar a formação na ostra, introduzindo nesta um grão minúsculo de nacar ou de areia, de pérolas semi-naturais.

Nas vésperas da abertura da pesca — escreve o conde de Noe — todos aqueles a quem interessa o mercado das pérolas se dirigem para determinado ponto da costa, onde apenas se vê uma única residência: a do proprietário do sector perlífero. Utilizando pontes de madeira que previamente foram acar-

retadas para o local, ligam-se entre si por meio de bambus tôscamente recobertos de folhas de coqueiro, e assim improvisam, na orla do mar, uma espécie de imenso cercado que mede, com frequência, vários quilómetros de comprimento. Ao centro destas construções efémeras, estabelecem viveiros fechados, a que chamam (dir-se-ia que por influência do idioma de colonos portugueses) «couthos», onde as ostras são depositadas.

Ali, alguns operários especializados têm por encargo fazer a análise da colheita realizada pelos mergulhadores que, à meia-noite, todas as noites, chamados por um tiro de canhão, partem para os bancos perlíferos, situados a distâncias que vão por vezes a quinze milhas pelo mar dentro. Estes operários — para prevenir fraudes — estão sujeitos a um regulamento severo, que chega a proibi-los de levarem a mão à boca sob pena de serem imediatamente vergastados pelos guardas dos viveiros. Não obstante isso, acontece às vezes que um ou outro desses examinadores de ostras tenta engolir pérolas valiosas; mas se tem a pouca sorte de ser surpreendido na sua tentativa de furto, é imediatamente amarrado a um poste, e mediante um purgante violento que, à força, lhe ministram, acabará por restituir o tesouro roubado.

Ao largo, os bancos a explorar são marcados por boias. Cada barco, sem contar o mestre e o piloto, é tripulado por vinte homens, dos quais dez são mergulhadores e cinco não-de estar constantemente, e ao mesmo tempo, dentro de água. A fim de descerem mais depressa, os mergulhadores encaixam o pé numa espécie de estribo de pedra, ligado à extremidade duma comprida corda presa ao barco pelo outro extremo. Vão munidos, além disso, duma rede que seguram ao pescoço por meio de barão adequado. Atingida uma profundidade de dez ou doze braças no seio das águas, encontram os bancos de ostras e então tratam de encher a sua rede o mais rapidamente que lhes é possível com tudo o que se lhes oferece, após o que soltam o pé do estribo de imersão e voltam à superfície.

O inimigo único que têm a temer, à parte qualquer imprevisto acidente, são os tubarões. Mas contra estes «velam» velhas feitiças que, com suas prélicas, dão afoiteza aos mergulhadores, convencendo-os de que são dotadas de

(Continua na pág. 3)

# UM EXPLORADOR FRANCÊS ENCONTROU NO CONGO BELGA A MULHER MAIS PEQUENA DO MUNDO

**A** mulher mais pequena do Mundo mede apenas 45 centímetros de altura. Ao lado da tribo a que ela pertence, as outras tribos de pigmeus fazem figuras de gigantes. Efectivamente, os povos líliputianos observam-nos geralmente da altura dos seus oitenta centímetros. Agora, a tribo descoberta por Marcel Prêtre (que acaba de percorrer 3.000 quilómetros na selva com a sua câmara, a sua audácia e a sua espingarda) pode orgulhar-se de constituir a raça mais «baixa» da Terra. Os pigmeus do Médio Congo têm uma estatura média que desce abaixo do meio metro. Mas também é verdade que os homens mais pequenos («in the world») podem, de repente, tornar-se os maiores: os anões de Likouala vivem continuamente nas árvores.

«Florzinha», como a baptizou generosamente Marcel Prêtre, tem o seu Romeu. «Florzinha» tem apenas doze anos mas dentro de seis meses será mamã. Não se sabe ainda quanto medirá o bebé.

Uma expedição de caça grossa conduziu Marcel Prêtre à região dos comedores de mortos, que vivem a três semanas de marcha das zonas civilizadas; impressionaram-nos menos, porém, de que estes homens minúsculos, a que temos de chamar por muito que isso nos custe, nossos semelhantes.

Aliás sempre os pigmeus impressionaram os exploradores da selva africana ou das profundidades da floresta equatorial. Trata-se de seres de excepção, que talvez seja possível conservar como singularidades da selva, mas que não voltarão a recuperar o lugar que ocuparam no coração das idades. Serão eles os descendentes destes seres fabulosos de que fala a Antiguidade e que viveram há milénios nas nascentes do Nilo? Nas suas danças nocturnas perante as fogueiras, lembram menos o frenesim espasmódico dos seus irmãos negros do que as contorsões dos pele-vermelhas da América do Norte nos seus baillados de guerra.

Esta raça misteriosa, confinada no coração da floresta congoleza e que consegue viver sob as espe-

suras húmidas das folhagens que ignoram a luz, é uma das últimas raças desconhecidas dos tempos atómicos. Estes modelos reduzidos da Humanidade têm uma cor de pele mais clara do que o negro propriamente dito.

Os «pigmeus minimum» descobertos agora por Marcel Prêtre têm, aliás, irmãos que parecem gigantes ao pé deles. A raça diferencia-se, com efeito, em vários tipos, nomeadamente os Hotentotes para a África do Sul e os «Nigrilles» para a África Central.

Os Hotentotes atingem às vezes um metro e sessenta. São, antes de mais nada, caçadores que preparam o veneno das suas flechas com o suco de várias plantas, adicionando-lhe veneno de animais (escorpiões, centopeias, serpentes e aranhas).

Os seus vizinhos os «Bochimans», atingem um metro e cinquenta. Graciosos, com pele e olhos de mongol, mas com cabelos encrespados, mostram grande inclinação para a música e para as artes. Praticam a monogamia. As crianças pertencem ao pai. As viúvas têm o costume de voltar a casar e o segundo esposo é responsável pelos filhos do primeiro matrimónio. Se a viúva não voltar a casar é o irmão do marido que tem de sustentar as crianças. O tabu do incesto é muito importante. Adultos, irmãos e irmãs, dormem separados. As crianças são amamentadas pela mãe, durante três ou quatro anos. Se nasce um segundo filho antes de o primeiro estar crescido, é morto. As grandes famílias são raras.

Na África Central, sobretudo, encontram-se os «Nigrilles». Cem mil homenzinhos, perdidos na imensidade da floresta africana estão disseminados sobre dois mil quilómetros de comprimento. Na bacia do Congo e seus afluentes, numa humidade cerrada circulam através das árvores. Os Efé vivem no Ituri; a estatura dos homens é de um metro e 34, a das mulheres um metro e 23, havendo algumas que não ultrapassam o simples metro.

Os «Nigrilles» não são negros, mas moreno-vermelho. Cabelos encrespados, barba forte, os «Nigrilles», mais do que os Hotentotes ou os «Bochimans», carecem da floresta para viver. O Sol faz-lhes mal. Têm a obsessão dos bosques escuros. Só os Bacwa ou Batwa têm a inquietação dos horizontes.

O restaurante está aberto na floresta. A ementa é copiosa e variada: raízes, folhas, cogumelos, frutos, larvas e serpentes. Os gas-

trónomos têm um fraco pelas termitas, que comem vivas (depois de delicadamente lhes arrancarem as asas). É frequente descobrir o cadáver de um elefante morto há dias: então penetram nas entranhas do animal e saíam-se à vontade, gulosamente.

Os «Babingas», aparentados com os «Nigrilles», possuem tradições sólidas e uma civilização particular. Residem a Noroeste de Brazaville, ao longo do rio Ogo. São monógamos, deístas e carnívoros, mas têm também o complexo da floresta sem luz.

## NÃO SÃO ANÕES

Assim em terras inexploradas, as tribos ignotas de pigmeus que certos exploradores temerários encontram às vezes levam estranhas existências ancestrais. Certas tribos não sabem, inclusive, provocar fogo. Na procura do alimento, a responsabilidade da cozeita é entregue à mulher que vai fazer as suas «compras» à selva, enquanto o homem procura feras para abater. Às vezes, toda a tribo se lança em audaciosas batidas. Mulheres e crianças actuam como batedoras, enquanto os homens se preparam para usar as suas armas rudimentares. Dissimulados atrás de uma árvore, precipitam-se sobre o animal e abatem-no a golpes de clava.

Qualquer que seja a sua raça, os pigmeus não são monstros. Também não são propriamente anões: são normalmente constituídos e desenvolvidos e descendem de uma raça sã da qual certos grupos atravessaram os séculos conservando a sua pureza.

Mas os pigmeus descobertos por Marcel Prêtre põem um problema, pois nunca tinham sido encontrados seres humanos tão minúsculos. Eles perderam a sua linguagem e falam um «argot» composto por palavras tiradas aos negros de estatura normal e de onomatopeias extraídas dos gritos de animais selvagens. Estão ameaçados de extinção: os Bantus perseguem-nos sem descanso, sempre que têm necessidade de renovar as suas provisões de carne fumada. Sem respeito pelo seu sexo ou pela sua idade, os pigmeus que caem nas suas armadilhas são imediatamente estrangulados e despedaçados.

ESTE NÚMERO DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA», FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# PEDE À RÚSSIA

## OS MILHÕES DE SHERLOCK HOLMES

**O**S Conan Doyle estão sempre em qualquer pista. Adrian Conan Doyle, filho de sir Arthur Conan Doyle, já trabalhou como explorador, como caçador submarino, como pesquisador de histórias inéditas de seu pai e como criador, ele próprio, de histórias policiais originais. Agora manifestou o propósito de se colocar na pista dos direitos de autor relativos às obras do seu pai publicadas na Rússia.

Sir Arthur morreu em 1930 com 71 anos de idade. Como se sabe, havia abandonado a profissão de médico para se dedicar inteiramente à solução de imaginários problemas policiais, criando assim mais do que uma personagem literária, a genuína expressão de uma raça Sherlock Holmes. Quando morreu, sir Arthur era riquíssimo. Entrara na categoria de escritores que o público inglês mais ama: os escritores de profissão.

De facto, os ingleses distinguem rigidamente os escritores que vivem (ou viviam) dos rendimentos como, por exemplo, Shelley, Browning e Henry James; os que fazem da literatura uma segunda ocupação, como Burns, Lamb, Matthew Arnold; e os que vivem (ou viveram) unicamente da sua pena, como Kipling, Shaw, Edgar Wallace, Lawrence e Arthur Conan Doyle (para não citar, entre os modernos, Maugham, Rattigan e outros).

Dos nomes citados, não há dúvida de que o de sir Arthur está ligado às cifras mais altas, pois foi ele que soube criar o género literário mais apreciado pelos povos de todas as raças: o delicto e a sua inevitável derrota. Sherlock Holmes entrou na mentalidade de todos os homens. As suas famosas expressões lacónicas como «Elementar, Watson» ou «Águas profundas, meu caro amigo» foram traduzidas e apreciadas em todas as línguas, desde o chinês ao arábico, desde o islandês ao bantú.

Na Rússia, a popularidade de Sherlock Holmes é denunciada pelo facto de as obras de Conan Doyle figurarem entre as que fo-

ram publicadas pela livraria do Estado. Ora, o cálculo feito pelo filho de Doyle, Adrian, é o seguinte: desde que Sherlock Holmes começou a aparecer na revista «The Strand» em 1891, e conquistou a popularidade, decorreram 64 anos. Em todos estes anos, a Rússia não esportou um único rublo. Fazer o cômputo de 64 anos de direitos de autor, levando em conta os vários cataclismos financeiros ocorridos entretanto e as consequentes revalorizações da moeda, seria impossível. Mas tomemos um livro, publicado recentemente. O exemplo é-nos fornecido pela própria Sociedade de Autores inglesa. Dos primeiros cinco mil exemplares, 3.790 foram vendidos em Inglaterra, revertendo para o autor uma soma de 298 libras esterlinas; e 1.160 exemplares no estrangeiro, com um benefício para o autor de trinta libras. Isto significa que cada exemplar vendido no estrangeiro valeu a Conan Doyle seis «pences».

Calcula-se que, na Rússia, em 64 anos, foram vendidos pelo menos dez milhões de exemplares de livros com as aventuras de Sherlock Holmes. Pelo menos, esta é a cifra que o próprio Adrian Conan Doyle denuncia e que dá um total de sessenta milhões de «pences».

Fenómenos literários como Arthur Conan Doyle não aparecem todos os dias. Parece, portanto, perfeitamente lógico que o seu herdeiro, terminada a revolução bolchevista, terminada a segunda guerra mundial e aberta as possibilidades de uma distensão entre Oriente e Ocidente, se apresse a iniciar a titânica empresa de cobrar o dinheiro que lhe é devido.

Adrian Conan Doyle é um senhor de 45 anos que vive em Genebra e viaja frequentemente. Tem uma irmã em Londres que pertence aos quadros da R. A. F. Os seus dotes de escritor de novelas policiais não são como os do pai e ele é o primeiro a reconhecê-lo. Há anos descobriu centenas de manuscritos do pai, com esboços de contos e novelas que não chegaram a ser publicados. Em colaboração com John Dickson Carr, Adrian escreveu então uma série de novas aventuras de Sherlock Holmes que lhe foram pagos na América à razão de quinze dólares por palavra, mais do que

## O EXTRAORDINÁRIO SR. ROSENTHAL

(Continuado da pág. 1)

poderes mágicos para enfeitiçar os «peixes de morte», e na margem se entregam, enquanto os mergulhadores operam, a exorcismo rituais que os imunizarão contra o perigo e lhes renderão a elas, obviamente, os obolos que eles lhes dão!

Os mergulhadores trabalham assim em paz, sem suspeitarem de que o ruído, mais seguramente do que as fórmulas mágicas, ou mesmo a faca com que são obrigatoriamente armados, é suficiente para afugentar os tubarões.

Em seguida efectua-se o mercado, ou seja o acto em que o proprietário da pescaria paga ao seu pessoal, seja em pérolas, seja em dinheiro.

Procede-se, depois, à grande expedição das pérolas para os «ateliers» onde se prepara, para a sumptuosidade elegante, aquilo que, na origem, não passa duma espécie de cancro nacarado de certas ostras.

Termina aqui o romance aventuroso, se assim se pode dizer, da pérola, para ceder o lugar ao romance comercial infinitamente menos atraente.

«Não penses na produção — dizia Rosenthal — mas sim na compra e em vender bem».

Esta simples frase resume numa linha a segunda parte da aventura das pérolas finas.

Nisto deixam de ser a palavra os poetas, e tomam-na os negociantes que sabem forjar as suas fortunas, o que é já uma outra história, como diria um autor ilustre.



é pago a Hemingway ou Maugham Na França e na Escandinávia os editores pagaram-lhe trinta por cento do preço de capa, o máximo até hoje obtido por um autor

De seu pai, Adrian herdou o amor pela Natureza. Mas enquanto sir Arthur amava a Natureza doméstica, a do seu jardim W (um homem está mais perto de Deus num jardim do que em qualquer outra parte do Mundo) — escreveu ele numa parede do parque da sua casa de Crowborough, no Sussex) o filho Adrian, intérprete dos tempos em que vive, mostra propensão para a aventura nos exotismos da Natureza. Há quatro anos explorou, a bordo de um barco, em companhia de sua mulher, Anna, um arquipélago entre Zanzibar e Madagascar. Ao penetrar na selva, descobriu um antioquíssimo palácio em ruínas atribuído à rainha do Sabá e há milénios povoado por macacos, serpentes e papagaios. Que maravilhoso ambiente para uma novela de sir Arthur...

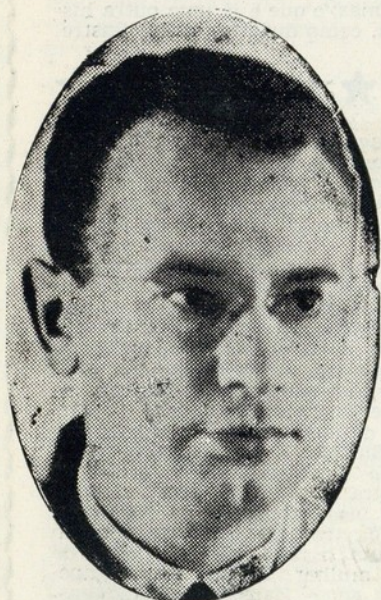
Leia às quintas-feiras

O «PIM-PAM-PUM»

# REDONDO JÚNIOR E O SEU «PANO DE FERRO»

Um dos grandes êxitos literários deste ano foi o aparecimento do livro «Pano de Ferro», da autoria do jornalista Redondo Júnior, um nome da moderna geração que através de inúmeros trabalhos publicados não só no «Século» como até mesmo no «Século Ilustrado» tem dado ensejo a reconhecerem-se-lhe dotes apreciáveis de observador e crítico de grande categoria, para o qual nem a crítica nem a reportagem têm segredos.

Em «Pano de Ferro» — obra de grande estudo sobre teatro, — o autor obteve mais um assinalado triunfo, que a crítica tem distinguido com palavras elogiosas como não podia deixar de ser, dado o valor que o seu trabalho já alcançou não só no



REDONDO JÚNIOR

# RAUL PROENÇA UM ARTISTA LIRICO DE CATEGORIA APRECIÁVEL



Raúl Proença é um dos valores com que a arte lírica conta para a sua difusão. Dotado de uma voz forte e bem preparada, tem conquistado aplausos sem conta nos programas em que colabora, desde a Emissora Nacional — onde obteve assinalados êxitos — até aos palcos onde são postos em prática programas radiofónicos. Sabemos que a este estudioso artista lhe têm sido feitas propostas para a sua deslocação ao estrangeiro. Contudo, o grande amor que o prende à família e à sua Pátria não o tem deixado levar por diante aquilo que outros artistas não recusariam. Raúl Proença é, pois, digno de figurar nesta nossa galeria de artistas queridos

nosso País, como até mesmo além-fronteiras.

«Pano de Ferro», além de ser um livro cheio de interesse para os que seguem passo a passo a vida de teatro, é também digno de enfileirar nas estantes, ao lado das melhores obras como

sendo um magnífico repositório de assuntos curiosos sobre o nosso teatro. Poucas vezes um autor se sentiria com a coragem de Redondo Júnior, — num meio tão pobre como o nosso — de lançar no mercado um trabalho tão cheio de crítica

e tão profundo em teatro, como este que ele se abalçou a dar-lhe publicidade.

Trabalho curiosíssimo, com capa do artista desenhador Rodrigues Alves, foi executado nas oficinas gráficas da Sociedade Nacional de Tipografia».

# documentário do PORTO

## TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

«O teatro só tem dois géneros nobres, a tragédia e a farsa» — diz António Pedro no introito do programa do 5.º espectáculo do Teatro Experimental do Porto.

Dai a razão do T. E. P., depois de duas tragédias, nos mostrar agora uma farsa — para uns, «brandinha», para outros assim-assim, e para a maioria, francamente boa.

Pela nossa parte, gostamos de «O «landau» de seis cavalos», apesar de não morrermos de amores pela farsa. O drama e a alta comédia agradam-nos mais. Questão de gosto e gostos não se discutem. No entanto, assistimos com prazer a representação da subtilíssima peça e, confessamos chegamos ao final daqueles inefáveis dois actos reconciliadas, de certo modo, com a nossa própria pessoa... Nem só de pão vive o homem... e a mulher.

No desempenho, equilibrado, as senhoras não fizeram ma figura.

Dália Rocha, embora outra vez «deslocada», não desmanchou. A debutante Idalina Piedade, em D. Adelita, revelou-se uma sofredora e enternecedora alma feminina. Dulce Pessoa apresentou uma engraçada Rosita.

Como os últimos são os primeiros, propositadamente deixamos para o fim Júlia Babo. A sua Isabel mereceu a justa distinção do público. Ocorre-nos, porém, que Laura Alves teve, no princípio da sua carreira, «a franqueza» de imitar Beatriz Costa. Até a franja lhe copiou de forma a confundir-se com ela, não apenas nas tábuas do palco mas também nas pedras da rua... — «Olha a Beatriz Costa!...» — Exclamava o povo ao vê-la passar...

Cansou-se de ouvir o nome trocado ou reconheceu que se diminuía engrandecendo o modelo?...

Hoje, é a artista cheia de personalidade, inconfundível que todos admiramos.

Talvez lhe lembrasse, a tempo, a opinião de Musset: «Mon verre est petit mais je bois pour mon verre»...

Ainda bem.

## NOITE ARTÍSTICA

Com o patrocínio do reitor da Universidade do Porto e para encerramento, nesta temporada, das actividades culturais da Liga Universitária Católica Feminina, realizou-se no salão nobre da Faculdade de Medicina do Porto uma «Noite Artística» que decorreu com apreciável brilhantismo.

Em lugares de honra vieram-se os senhores: D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto; prof. dr Amândio Tavares dr. Rocha Pereira, director da Faculdade de Medicina; general Cotta de Moraes, comandante da 1.ª Região Militar; comandante João Pais, do Departamento marítimo, e capitão Fernandes pela P. S. P.

Muitos professores, muitos estudantes, muitas senhoras Maria Leonor Costa Lima actuou durante toda a primeira parte do programa ao piano, ora a solo, ora acompanhando Rosa Candel em diversos números de canto.

A segunda parte pertenceu completamente ao Grupo Musical Feminino, dirigido pela prof. Stella da Cunha, com acompanhamentos, ao piano, pela prof. Clotilde da Cunha.

O sarau terminou por uma breve palestra proferida por Maria António Pinheiro Torres, que dissertou com felicidade sobre o sugestivo tema «Existencialismo».

Todos os colaboradores da «Noite Artística» receberam tartos e justos aplausos da numerosa e selecta assistência.

## JOGOS FLORAIS

A encerrar a época de actividades culturais realizou a Assembleia de Campanhã, em pleno Estio, uma brilhante sessão solene para proclamação dos vencedores dos seus já tradicionais Jogos Florais.

O belo salão encontrava-se completamente cheio de associados e convidados atraídos pelo encanto do emocionante espectáculo. É sempre interessante ver os poetas de perto, vê-los e aplaudir-los, animando-os a continuarem por um caminho mais semeado de espinhos do que de rosas, não é verdade?...

Na mesa de honra, a presidente do júri, a escritora Erna Warntje.

A declamadora Elisa de Carvalho disse, como ela sabe dizer, as poesias premiadas — quadras, soneto, poesia lírica e glosa — colhendo fartos aplausos para ela... e para os felizes autores — passe o lugar comum, agora muito bem empregado — pois este glorioso certame de 1955 destaca-se pelo elevado nível das produções, entre as quais as da jovem e já apreciada poetisa Zélia Alice da Fonseca.

Outro nome feminino laureado foi o de Virginia Andrias Martins Ferreira.



— Como vês, minha querida, nenhum mal me implica de te vir vêr!

— O quanto te devo pelo teu arrojito!...

— O teu coração, apenas...



— E são só estas as informações que me dá?...

— Também sei fazer alguma coisa de comer!...



— Positivamente, a nossa filha, é uma boa declamadora!...



— Lamento ter vindo tarde, meu caro visconde! Minha filha foi agora mesmo pedida em casamento...

# UMA FANTASIA DE ARTISTA

**C**ONSTRUIR uma cidade de ponta a ponta, fazer surgir do solo palácios, casas, templos, dar forma a uma figura ou a uma imagem diabólica, que tentação isto é! Quantos mortais terão tido este sonho! De ordinário, hoje em dia, quando esse sonho se converte em realidade, é porque uma causa de natureza económica intervém e a cidade criada tem como razão de existência uma central eléctrica, um entroncamento de linhas de caminhos de ferro.

Mas eis que um homem, unicamente pelo esforço da sua vontade, sem outra justificação que não fosse a de produzir uma obra magnífica, ergueu do nada um monumento grandioso que é um refúgio da arte e da beleza.

Que homem bizarro, curioso, este Enéas Piccolomini! Quando moço escrevera romances, traduzira clássicos, alcançou mesmo prémios literários.

Um belo dia entra para a Igreja onde fez uma brilhantíssima carreira e, mal tinha completado os cinquenta anos, alcança a tiara, com o nome de Pio II. Eleito em 1458, 40 anos depois do regresso de Avinhão, prega uma cruzada, e inaugura também a grande série dos Pontífices mecenas, cuja protecção permite o desenvolvimento das artes em Itália. Tinha um gosto seguro e vistas largas. Assim o provou construindo Pienza.

Nasceu numa vilória da Toscana, Corsignano, longe de qualquer caminho frequentado. Uma grande encosta, selvagem, em forma de promontório, mas donde se avistavam os longes. Para Sul e Oeste, era a planície de Orcia que o monte Amiata domina do seu cume. Para o Norte, tranquilas e suaves colinas descem até Sienna. Para as bandas do Poente, não é necessário subir muito para ter sob os olhos o imenso vale onde o lago Trasimene espelha numa superfície azulada.

Foi aqui que o Papa Pio II quis ter a sua cidade. Os casebres, as choupanas, as casinhas modestas, tudo foi demolido! Apenas ficou em pé a velhinha igreja de Pieve e, foi neste sítio que se levantou a nova cidade. Isto foi feito a

correr sob a direcção de um arquitecto que bem conhecia a sua arte e soube conservar o carácter do conjunto, sem cair na monotonia. Em três anos viu-se surgir do solo um vasta catedral, um palácio para a família do Pontífice, uma câmara municipal e uma confortável casa para o clero. Muito naturalmente bastantes cardeais quiseram, por sua vez, ter lugar na nova cidade. Assim, pouco a pouco, apareceram os palácios Ammannati, Gonzaga, Atrabatese e Borgia, este último, hoje, sede do bispado. Tal criação «ex nihilo», fez-se com uma tal rapidez, tão desconcertante, com tanta solidez que ainda hoje se não sabe como foi então possível fundarem-se alicerces tão sólidos que aguentassem o peso daquelas enormes muralhas!

O resultado é de uma rara e perfeita harmonia. Por acaso existe mais belo conjunto Renascença italiana do que o da praça Pio II em Pienza? Não creio! O glorioso Bernardo Rossellino, seu inspirador, foi enorme! A catedral de fachada Renascença e de interior gótico, com três arcadas sóbriamente desenhadas, compõe o fundo de um excelente quadro.

A esquerda, o palácio Borgia, severo, com dois andares de janelas bordadas de cruzeiros. Em frente e à direita finalmente, o mais belo: o palácio Piccolomini. Este, suportaria sem custo o confronto com os monumentos mais célebres do seu tempo. A fachada é à maneira de Bossage, em pilastras, com o seu tranquilo e calmo pátio, a sua «loggia» de três andares voltados para a planície, com um jardim de árvores talhadas e, ainda, dois esplêndidos poços. Tudo isto compõe a parte externa. O interior do palácio, ainda hoje ocupado por descendentes de tão ilustre família, é gracioso, agradável, com salões armoriados, tectos em painel, uma linda chaminé, isto sem falarmos nos grandes corredores que são iluminados docemente por belos vitrais verdes.

É de admirar que um tão perfeito conjunto não seja mais visitado e conhecido.

Pienza viveu aquilo que vive um sonho! Morto Pio II, ela também morreu. Não é bastante uma bula Pontificia para fazer progredir uma cidade. Hoje nada mais é do que um burgo de umas mil almas, um museu se assim quisermos dizer. Apesar dos seus palácios, não passa de uma simples localidade.

O bispo de Pienza — pois é ainda a sede de um episcopado — dá todas as noites, com as suas meias cor de violeta e o seu largo chapéu de borlas, um passeio ao longo da praça. Monseñor deve, nesses passeios, evocar o fausto desaparecido e os esplendores que brilhavam há quinhentos anos naquele bellissimo e imponente cenário!



— Porque espera, se está despedido?...  
— Que me paguem!... Sei que aqui estou a mais; mas pague-me, que depois os deixarei em paz...

J.O.3



*Um prodígio!*  
**"PRIDE" lustra móveis**  
*sem esfregar!*

*...e ficam reluzentes como nunca os viu!*

Com "PRIDE", os móveis tornam-se resplandecentes sem ser preciso puxar o brilho!

"PRIDE", produto da ciência anglo-americana, é algo de novo e diferente. Basta espalhar "PRIDE" nos móveis, deixar secar por breves instantes e passar levemente um pano... Ficam imediatamente tão reluzentes que poderá ver-se ao espelho!

"Pride" também protege

Os móveis encerados com "PRIDE" ficam brilhantes durante meses e tão perfeitamente protegidos pela camada dura e polida da cera, que mesmo líquidos quentes que se entornem não deixam qualquer mancha. "PRIDE" dura muito tempo — e por isso verá que é extremamente económico.

PRIDE é maravilhoso para móveis de categoria, para todas as superfícies de madeira polida ou pintada e esmalte e para superfícies metálicas esmaltadas — e é também tão fácil usá-lo

## **CERAS JOHNSON**

### **AS MAIS POPULARES DO MUNDO**

A VENDA NAS DROGARIAS E EM TODAS AS BOAS CASAS DO PAÍS



Distribuidores exclusivos: SOCIEDADE FID LIMITADA — OARCAVELOS — PORTUGAL — TEL. 04 43 20

ESC. 18500

# A cera sensacional! para soalhos e móveis

J.O. 2

Dá brilho maior e mais duradoiro! Mais económica!

Torne os móveis e soalhos brilhantes como um espelho, iluminando a casa inteira com o seu esplendor. . . . e enchendo-a de fragância suave de alfazema — usando a cera em lata JOHNSON, produto da ciência anglo-americana

## MAIS BRILHO — MENOS TRABALHO

A cera JOHNSON é fácil de aplicar e para atingir grande brilho basta passar um pano, duas ou três vezes. Os soalhos e móveis ficam resplandecentes por mais tempo e protegidos contra a sujidade, que não penetra até à superfície: assim, a cera JOHNSON também evita que o soalho e os móveis tenham de ser esfregados tantas vezes!

Experimente hoje mesmo uma lata de cera JOHNSON e descobrirá a razão porque as donas de casa inglesas e americanas não querem senão cera JOHNSON.



EXPERIMENTE HOJE MESMO A  
**CERA JOHNSON**  
Dá lustro brilhante e um cheirinho a alfazema

À VENDA NAS DROGARIAS E EM TODAS AS BOAS CASAS DO PAÍS

ESC. 12\$00

Distribuidores exclusivos: SOCIEDADE **FID** LIMITADA — CARCAYELOS — PORTUGAL — TELEF. 044328